

Geraldo de Barros: Exposição no MAM mostra o pioneirismo do artista paulista no uso da fotografia

Transcendência e lirismo da imagem

Luiz Camillo Osorio

ARTES
CRÍTICA

Apesar de pouco conhecido do público carioca, o artista paulista Geraldo de Barros é figura de destaque na arte brasileira dos últimos 50 anos. A atual exposição no MAM mostra uma de suas facetas mais interessantes: a fotografia. Restringindo-se aos anos 1948-1952, é surpreendente o grau de experimentação e poesia com que nos deparamos.

Geraldo de Barros é dos pioneiros, junto com José Oiticica Filho, da fotografia moderna não documental no Brasil. Sua vinculação posterior com o concretismo e a teoria da gestalt já pode ser vislumbrada nestes trabalhos. O rigor composicional e a acuidade no jogo de luz e sombra revelam um artista atento, acima de tudo, às qualidades abstratas da forma.

Planos de luz e sombra criados no laboratório

A sua preocupação não é com o objeto fotografado, mas sim com o processo fotográfico e o resultado plástico obtido. Daí surgem suas fotoformas, que são das primeiras experimentações conscientes com a abstração na arte brasileira. Manipulando em laboratório o papel fotográfico, ele vai sobrepondo planos de luz e sombra, criando formas essencialmente geométricas. De acordo com o espírito utópico dos concretistas, estas fotoformas buscam equacionar tecnologia e sensibilidade — a máquina a serviço da educação estética do homem.

Entre a preocupação *bauhausiana* de mecanizar e democratizar a beleza e o lirismo de



UMA DAS OBRAS DE GERALDO DE BARROS EM EXPOSIÇÃO NO MAM: mistura de experiência e utopia

Cartier-Bresson, que se deleitava com o "puro prazer da forma", Geraldo de Barros buscava conjugar singeleza e transcendência.

O jogo com as formas, ou seja, o interesse num olhar abstrato, também pode ser percebido em suas fotografias "figurativas" (telhados, cadeiras etc). O diálogo com a pintura

— obsessão incondicional da fotografia — aparece também nos seus estudos de textura. Nesta série, que remete à pintura de Paul Klee, ele revela a temporalidade que se entranha na pele do mundo.

A proximidade com a pintura mostra-se, sobretudo, no modo como ele interfere nos negativos, desenhando com

nanquim, ponta-seca ou bico de pena. As interferências criam associações e metamorfoses, transformando a aparência das coisas com deslocamentos semânticos dos mais inventivos. Com Geraldo de Barros, a fotografia entrou definitivamente na história da arte moderna brasileira. Belíssima exposição. ■

Divulgação